

RELATÓRIO DO **ABASTECIMENTO**



anp
Agência Nacional
do Petróleo,
Gás Natural e Biocombustíveis

Superintendência de Distribuição e Logística –
julho de 2025



RELATÓRIO DO ABASTECIMENTO

Superintendência de
Distribuição e Logística

Agência Nacional do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis

Diretor-Geral

Bruno Conde Caselli

Diretores

Symone Araújo

Daniel Maia Vieira

Fernando Moura

Mariana Cavadinha

Superintendente de Distribuição e Logística: Diogo Valerio

Superintendente-adjunto de Distribuição e Logística: Bruno Valle Moura

Coordenador Geral de Movimentação de Produtos: Rafael Andrade

Coordenador de Monitoramento do Abastecimento e Estoques: Romulo Prejioni Hansen

Sumário

Introdução.....1

EUA e importações no Brasil.....1

Conclusão.....3

Introdução

Trata-se de atualização do Relatório Extraordinário anterior que analisou, brevemente, possíveis impactos de redução do comércio exterior dos EUA com o Brasil.

No Relatório prévio, examinaram-se as informações de efetivas importações e a relevância dos EUA como país de origem dos produtos nacionalizados, considerando o período entre os meses de janeiro de 2024 e junho de 2025.

No atual, atualizam-se as informações daquele Relatório com as operações realizadas entre os dias 1 e 21 de julho de 2025.

As informações foram extraídas módulo anuente do Sistema de Comércio Exterior (SISCOMEX), que permite acesso a dados de mais alta frequência, com atualização constante.

EUA e importações brasileiras.

No período mais recente, entre 1º e 21 de julho, frente ao observado no Relatório anterior, houve uma mudança na importância relativa dos produtos importados, com os EUA assumindo uma participação maior nas importações brasileira.

Nos primeiros vinte dias de mês de julho de 2025, o produto mais importado (em toneladas) foi o diesel – que correspondeu a mais de 32% do total adquirido no exterior. Em segundo, vem o óleo bruto (condensado e petróleo bruto), com 25,7%, em terceiro o gás natural (20,6%), e, em quarto o GLP (5,6%, considerando todos as ncms que podem ser insumos ao produto).

Os quatro produtos agregadamente representam mais de 82% do total importado.

Na tabela 1 são relacionadas as importações brasileiras entre 1 e 21 de julho de 2025, em valores absolutos (tonelada) e relativos (ao total importado), considerando os produtos que representam pelo menos 1% do *quantum* nacionalizado.

Tabela 1: Importações brasileiras, em toneladas, no período entre 1 e 21 de julho de 2025.

Produto	Em toneladas	%
Óleo Diesel	1.330.925,37	32,4%
Óleo Bruto	1.053.935,66	25,7%
Gás natural	843.302,54	20,6%
GLP	228.229,12	5,6%
Gasolinas Automotivas	135.134,86	3,3%
Nafta Petroquímica	111.181,95	2,7%
Outras Naftas	104.167,32	2,5%
QAV	99.277,60	2,4%
Metanol	75.470,30	1,8%
Solventes	53.905,95	1,3%
Demais	67.407,63	1,6%

Fonte: Siscomex, em 22 de julho de 2025.

Os volumes importados no período mais recente contrastam com os movimentos de mais longo prazo.

Considerando o período entre janeiro de 2024 e junho de 2025, as importações se comportaram nos termos da tabela 2:

Tabela 2: Importações brasileiras em toneladas, entre janeiro de 2024 e junho de 2025.

Produto	Em toneladas	%
Gás natural	20.096.160,27	25,8%
Óleo Bruto	19.775.650,83	25,3%
Óleo Diesel	18.368.057,33	23,5%
Nafta Petroquímica	5.086.430,80	6,5%
Gasolinas Automotivas	2.884.905,54	3,7%
GLP	2.804.517,73	3,6%
Metanol	2.496.727,14	3,2%
Óleo Lubrificante / Graxas	1.518.618,38	1,9%
Solventes	1.320.861,49	1,7%
QAV	1.293.009,13	1,7%
Outras Naftas	1.284.130,51	1,6%
Demais	1.091.812,22	1%

Fonte: Siscomex, em 10 de julho de 2025.

A tabela 2 consta do primeiro Relatório, mas foi inserida neste trabalho de forma a tornar mais simples a comparação entre os dois momentos do comércio exterior.

Os principais movimentos de mudança foram o aumento da participação relativa do diesel na pauta de importações e a redução da importância do gás natural. Também, no período mais recente, o GLP e a gasolina A ganham importância nas operações, enquanto a nafta petroquímica passa a ser menos relevante.

Relativamente, observa-se ainda uma maior participação do metanol no período mais recente frente ao período mais longo.

A tabela 3 compara a participação dos produtos importados nos 2 períodos e calcula a variação entre essas participações.

Tabela 3: Participações dos principais produtos nos 2 períodos e a variação das participações.

Produto	% entre 1-21 jul	% entre jan-24 e jun-25	Variação no curto prazo
Óleo Diesel	32,4%	23,5%	8,9%
Óleo Bruto	25,7%	25,3%	0,3%
Gás natural	20,6%	25,8%	-5,2%
GLP	5,6%	3,6%	2,0%
Gasolinas Automotivas	3,3%	3,7%	-0,4%
Nafta Petroquímica	2,7%	6,5%	-3,8%
Outras Naftas	2,5%	1,6%	0,9%
QAV	2,4%	1,7%	0,8%
Metanol	1,8%	3,2%	-1,4%
Solventes	1,3%	1,7%	-0,4%
Demais	1,6%	1,4%	0,2%

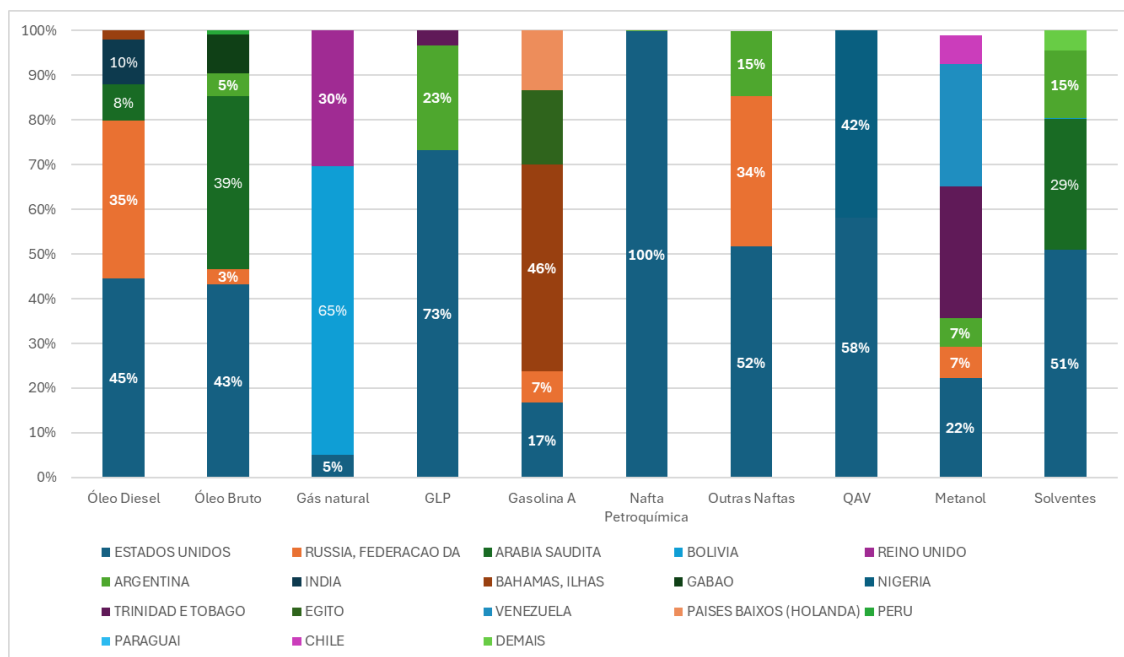
Fonte: Siscomex, em 22 de julho de 2025.

A participação dos produtos no total importado se altera pelo aumento relativo das operações com diesel, óleo bruto, GLP, outras naftas e QAV.

A distribuição por origem também muda: o principal fornecedor de diesel no período mais recente – entre 1 e 21 de julho – foram os EUA (45%), com a Rússia sendo o segundo maior supridor (35%) e Índia e Arábia Saudita respondendo por outros 18% (10% e 8%, respectivamente).

Essa é uma inversão na origem do produto nos 18 meses anteriores, nos quais a Rússia foi a principal fonte (64,2%).

Produtos por principais origens



Fonte: Siscomex, 22 de julho de 2025.

No caso do óleo bruto, houve um aumento da participação dos EUA no curto prazo (43%) frente aos 20,9% nos 18 meses anteriores.

Quando ao gás natural, os maiores volumes têm origem na Bolívia (88%) e pequenas quantidades, provavelmente importadas sob forma de GNL, vieram dos EUA (2,8%). Outros volumes têm origem no Reino Unido (mais de 8%).

Tabela 4: Produtos por origem.

Pais de Origem	Óleo Diesel	Óleo Bruto	Gás natural	GLP	Gasolina A	Nafta Petroquímica	Outras Naftas	QAV	Metanol	Solventes
ESTADOS UNIDOS	45%	43%	5%	73%	17%	100%	52%	58%	22%	51%
RUSSIA, FEDERACAO DA	35%	3%	0%	0%	7%	0%	34%	0%	7%	0%
ARABIA SAUDITA	8%	39%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	29%
BOLIVIA	0%	0%	65%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%
REINO UNIDO	0%	0%	30%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%
ARGENTINA	0%	5%	0%	23%	0%	0%	15%	0%	7%	15%
INDIA	10%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%
BAHAMAS, ILHAS	2%	0%	0%	0%	46%	0%	0%	0%	0%	0%
GABAO	0%	9%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%
NIGERIA	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	42%	0%	0%
TRINIDAD E TOBAGO	0%	0%	0%	3%	0%	0%	0%	0%	29%	0%
EGITO	0%	0%	0%	0%	17%	0%	0%	0%	0%	0%
VENEZUELA	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	27%	0%
PAISES BAIXOS (HOLANDA)	0%	0%	0%	0%	13%	0%	0%	0%	0%	0%
PERU	0%	1%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%
PARAGUAI	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%
CHILE	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	6%	0%
DEMAIS	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	5%

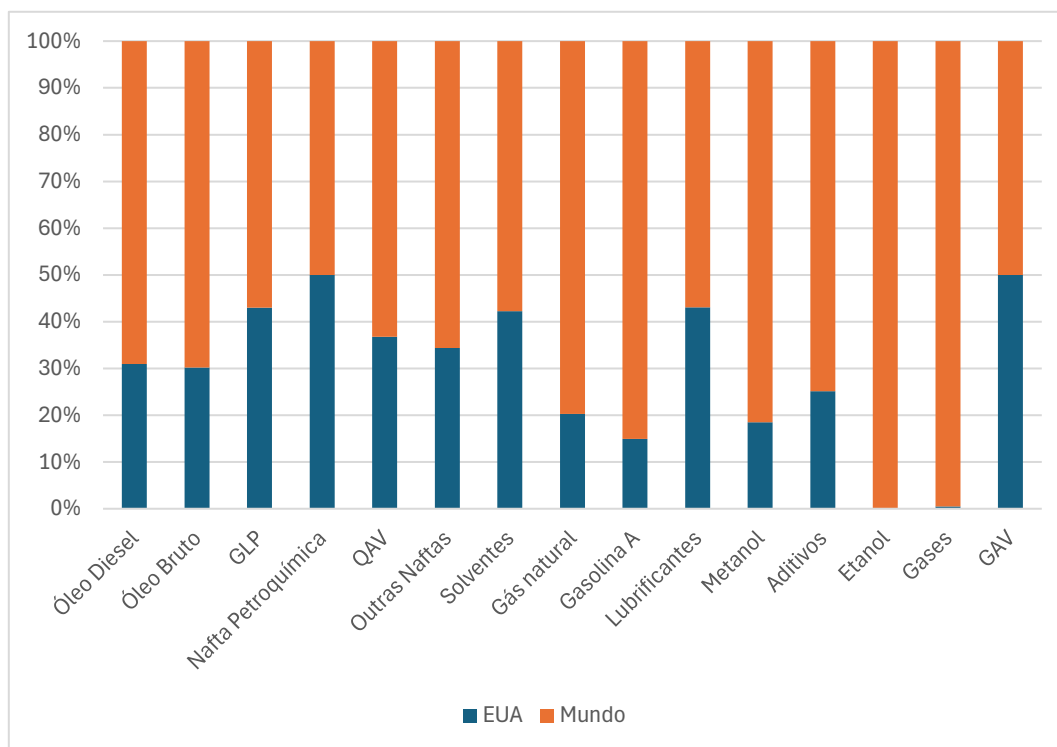
Fonte: Siscomex, 22 de julho de 2025.

Também no curto prazo, a predominância dos EUA no fornecimento de GLP aumentou (75%), sendo a Argentina o segundo maior fornecedor (21,2%).

A gasolina automotiva com origem nos EUA também aumentou sua participação (17,5% frente a 7,7% no longo prazo).

Além disso, toda nafta petroquímica importada entre 1 e 21 de julho teve por origem os EUA. No caso das outras naftas, ocorre algo semelhante, porém menor em intensidade, com 52% do volume tendo origem no mesmo país.

Gráfico 1: Participação dos EUA em importações de produtos pelo Brasil.



Fonte: Siscomex, em 22 de julho de 2025.

No QAV, os Estados Unidos dividem com a Nigéria o fornecimento (58% e 41% respectivamente).

No caso do metanol, Trinidad e Tobago respondem por mais de 37% do fornecimento. Estados Unidos responde por 22,7% e Venezuela por outros 18,5%. Volumes menores se dividem entre Argentina, (7,5%), Chile (7,3%), Rússia (5,4%).

Por fim, no caso dos solventes, os EUA são preponderantes no fornecimento de algumas ncms, mas agregadamente, essas importações não são tão concentradas.

Na prática, mais de 38% do total de produto importado pelo Brasil, no período entre 1 e 21 de julho de 2025, veio dos EUA. Outros 18% vêm da Bolívia – para os quais contribuiu enormemente o gás natural – e 13,3% vêm da Rússia – para os quais os volumes de diesel são o maior contribuinte.

Conclusão

No período mais recente, entre 1 e 21 de julho de 2025, as importações de produtos regulados pela ANP com origem nos EUA cresceram em relação à participação do País no período de 18 meses de que trata o Relatório anterior.

Considerando todos os produtos, os EUA foram o principal supridor de curto prazo do País – forneceram 38% do total importado, sobretudo devido ao aumento das vendas de diesel ao Brasil – que é o produto mais adquirido no exterior, por este país, entre 1 e 21 de julho deste ano.

Em outros mercados, como o de GLP, nafta petroquímica e solventes, a participação americana é superior a 40%.

No curto prazo, a importância relativa do comércio exterior com os EUA cresceu, portanto, frente aos 18 meses de operações analisados no Relatório anterior.

É importante notar que as operações de comércio exterior, mesmo quando realizadas junto a países geograficamente mais próximos tendem a demandar um tempo que raramente é inferior a um mês à sua concretização.

O que implica que os desembarques no País nos primeiros 20 dias de julho foram provavelmente contratados antes mesmo das recentes ameaças de sanções tarifárias, ainda em junho.

Por fim, faz-se a consideração que os fluxos de comércio exterior tendem a mudar no médio prazo havendo melhores oportunidades de preço ou logísticas e que os dados de curtíssimo prazo podem ser influenciados pela concentração de desembarques contratados anteriormente não representando necessariamente uma tendência.